

A Interpretação Psicanalítica Para Além da Interpretação: Psicanálise e Cultura em Diálogo, no Pensamento de Carlos Amaral Dias

Carlos Farate

Escrever um ensaio crítico sobre a obra teórica e teórico-clínica de Carlos Amaral Dias, por mais cuidadosa e circunstanciada que seja a abordagem proposta, é empresa extremamente difícil, à qual não estou em condições de me abalarçar.

Assim sendo, ao aceitar o desafio do editor da revista 'Interações' para colaborar num número especial dedicado às 'Explorações contemporâneas da obra de Carlos Amaral Dias' senti-me 'preso' num enlace psíquico contraditório.

Por um lado, o sentimento egóico de grande prazer amical e gozo especulativo, e, por outro, a impressão super-egóica de desassossego intelectual.

Para desembaraçar este enlace (*nó*) decidi, então, recorrer ao enlace (*vínculo*) do conhecimento (K), para além da psicanálise, que tenho aprendido durante todos estes anos da minha relação de trabalho, para além do *nó* do afecto (L), com Carlos Amaral Dias.

Tornou-se, assim, claro que a pretensa analítica teria de versar um tema clínico resolutivo da dialéctica do *nó* e do *vínculo*.

Seguindo uma lógica formal (silogística), se o *nó* é emoção transformada em afecto e o *vínculo* é afecto transformado em cognição, então a mente humana (como 'agente racional' e 'aparelho *psíquico* para pensar os pensamentos') estabelece a dialéctica do *nó* e do *vínculo*.

Numa mesma linha de raciocínio, se a *palavra* é o elemento nodal do pensamento e a *coisa* (impressão sensorial, emoção) é o elemento a tornar pensável pela mediação do símbolo, então a *interpretação* é o instrumento filosófico por excelência do mister psicanalítico que partilho com Carlos Amaral Dias.

Por aí a escolha do tema, na exegese aprendida (sempre a aprender) através do *vínculo*, simultaneamente, sensível e inteligível com o autor (para além da escrita).

A INTERPRETAÇÃO PSICANALÍTICA: PARA ALÉM DA HERMENÊUTICA

No ensaio filosófico intitulado 'Da Interpretação Psicanalítica', publicado em 2001, o autor conduz-nos ao longo de 210 estâncias, de analítica diversificada e dialéctica constante, pelo caminho exigente da *busca de sentido do acto de interpretar*.

E fá-lo, norteado pela dialéctica da clínica e da cultura, do símbolo e do mito, da fé e da razão, a partir da sua riquíssima reflexão clínica, da rescrita (sempre) inovadora dos pensadores maiores da psicanálise (sobretudo Bion e Freud) e da adaptação criativa do ensaio hermenêutico de Gadamer (1999) sobre a verdade e o método no discurso científico contemporâneo (ao qual voltará a recorrer num excelente ensaio teórico sobre os modelos e as modalidades de interpretação em psicanálise, ao qual farei alusão mais adiante).

Por me parecer sugestivo, e enriquecedor do ângulo de abordagem que privilegiei para este ensaio crítico, farei referência a algumas das ideias contidas no ensaio epistemológico seminal do filósofo Paul Ricoeur sobre o estatuto cultural da obra de Freud, publicado em 1965 e construído a partir do seu estudo aprofundado sobre a exegese reflexiva dos processos de linguagem do sujeito contemporâneo proposta pela metapsicologia freudiana.

Amaral Dias inicia o seu excursus filosófico com uma forte afirmação de princípio, claramente vinculativa, segundo a qual a actividade psicanalítica é vazia de sentido ('de si mesma') sem interpretação.

Realço, desde logo, a consonância de pontos de vista com Ricoeur, que afirma, em *De l'Interprétation: Essai sur Freud*, igualmente, a partir de uma visão culturalmente informada, mas com diferentes pressupostos conceptuais e, sobretudo, externa à psicanálise, que 'La psychanalyse est ainsi de bout en bout interprétation' (Ricoeur 1965:

78) ('A psicanálise é assim, de uma ponta à outra, interpretação')

Este postulado epistemológico, de matriz kantiana (Kant 1987), dá lugar a uma definição do acto de interpretar que se constrói no rigor dessubjectivante da hermenêutica teológica (proposta por Gadamer 1999) e se situa para além da desconstrução/ressignificação metapsicológica dos conteúdos primários (sensório-emocionais, proto-oníricos e oníricos) emergentes no discurso do analisando durante a sessão psicanalítica.

A colocação hermenêutica do acto de interpretar é, então, definida pelo ciclo 'compreender – interpretar – dessubjectivar – factualizar – transformar' (*Da Interpretação Psicanalítica*, 2001: 11).

Ora, a apropriação crítica da hermenêutica teológica ao *Deutung*, a partir de Gadamer, parece-me corresponder a uma estratégia metodológica de colocação científica (objectivante, não positivista) da investigação psicanalítica, segundo um duplo eixo:

- A conjugação constante ♀.♂ (continente/conteúdo, 'dupla analítica') como condição de base (*setting analítico*) dos processos de transição ICS/CS (primário/secundário) operados em identificação projectiva (PS→D) pela função significante (α) sobre os elementos sensório-emocionais de base (β), segundo o 'vertex de visão' instaurado pela dinâmica complementar de R/I (Razão/Ideia) e de E/P (Emoção/Pensamento).
- A importância do esclarecimento do 'duplo sentido' do símbolo mítico (o *logos* dissimulado no *mythos*), através de uma hermenêutica complexa que, a partir da mediação da perspectiva económica sobre o conflito pulsional entre as instâncias da tópica, instaura o *Traumarbeit* (trabalho do sonho) e estende a exegese psicanalítica aos diferentes modos de representação mental, entre sujeito e cultura (conteúdos psíquicos, formas de arte, crenças religiosas).

Transformação, capacidade negativa e subversão: para além do Bem e do Mal

A fundação conceptual do campo teórico de que C. Amaral Dias se serve para interpretar o acto de interpretar é, então, balizada pela:

1. Heurística do aparelho psíquico que serve (está ao serviço) dos pensamentos (como ♀ ao serviço de ♂ em f (α), ou o sonhador ao serviço dos sonhos) proposta por W. Bion a partir da trilogia 'Learning from experience', 'Elements of Psycho-analysis' e

'Transformations', mediada pelo excelente ensaio reflexivo intitulado *Second Thoughts*.

2. Hermenêutica ética (romântica, segundo o autor, a partir da metodologia proposta por Gadamer (1999) a que S. Freud recorreu para a elaboração psíquica da energética do conflito entre forças instintivas antagónicas, mediada pela dimensão tópica-económica do modelo metapsicológico que genialmente induziu para a explicação da mente humana, sobretudo a partir da tese seminal sobre a 'Traumdeutung' (Interpretação dos Sonhos) e dos escritos metapsicológicos que se seguiram a esta obra – realço aqui os textos sobre 'Das Unbewusste' ('O Inconsciente'); 'Trauer und Melancholie' ('Luto e Melancolia'); 'Formulierungen über die Zwei Prinzipien des Psychischen Geschehens' ('Formulações sobre os Dois Princípios do Funcionamento Mental'); 'Jenseits des Lustprinzips' ('Além do Princípio do Prazer'); e 'Das Ich und das Es' ('O Eu e o Isso').

Ora, o que interessa verdadeiramente a Amaral Dias é avançar a hipótese segundo a qual a *transformação* (não positivista) dos conteúdos e objectos primários em objectos do processo secundário/conceitos/factos verdadeiros, operada (por *via de levare*) pela interpretação dessubjectivante ('em aproximação à verdade', função a que atribui a notação algébrica p), toma o lugar que a *falsificabilidade* ocupa na lógica empírica do modelo científico (positivista) elaborado por K. Popper (1973).

Por aqui se confirma a procura especulativa de um caminho científico para a verdade, tanto quanto a ciência deve ser isso mesmo, i.e., a procura da verdade (em direcção a O e por meio da função Ψ insaturada e aberta ao *being O*, que Bion propõe como 'santo e senha' do tratamento psicanalítico, para além das invariantes de cada analista... teorias privadas incluídas).

Este é, contudo, um caminho difícil e pejado de armadilhas, para as quais Amaral Dias adverte os (candidatos a) iniciados.

Tem, então, início um movimento fecundo e (sempre) fortemente personalizado no seu ensaio filosófico sobre a interpretação (ao qual atribuo o epíteto 'Para além do Bem e do Mal', parafraseando o título de uma conhecida obra de Nietzsche (1991), um filósofo a cujo pensamento recorre com frequência e que forma, com Marx e Freud, o trio de Mestres Pensadores das duas grandes escolas ocidentais da interpretação na transição da idade clássica para o modernismo, a 'escola da suspeita' e a 'escola da reminiscência'; cf. Ricoeur.

Destaco dois momentos, particularmente intensos e superiormente conseguidos, deste movimento. Em primeiro lugar, a estância 101 da obra em apreço: 'Às vezes, aonde o silêncio nos implica, uma palavra fala-o!' (idem: 44)

O recurso ao ponto de exclamação significa a admiração pela síntese genial contida nesta afirmação (para além da sua colocação psicanalítica, entenda-se). De facto, Carlos Amaral Dias condensa, nesta frase curta e sublime, (note-se que a qualidade do que é sublime tende a encurtar a sentença) três pilares do processo de transformação operado na (a partir da) linguagem pela função psicanalítica da personalidade (f á em ♀.♂, via PS+D).

A *capacidade negativa* que implica a tolerância à dor e à frustração suscitadas pela incerteza no resultado da (resposta do objecto à) pré-concepção contida na expectativa vazia do *cogito ergo es* (*penso logo existes*), que Amaral Dias substitui à positividade do *cogito ergo sum* (*penso logo existo*) cartesiano.

A *capacidade para pensar*, que só pode ser estabelecida na ausência do objecto, já que a *pensar*, na exegese implícita à representação, exige sempre um Outro pensável (Alter, i.e., não Ego e não Alter-Ego) no silêncio da separação/ausência que funda a ponte do sentido/a ligação pela palavra significante.

A *capacidade de interrogar (se interrogar)* no lugar em que a dúvida emerge, como corolário da relação de empatia com a dor do paciente (liberta da positividade do sintoma e do negativismo da concordância emocional 'simpática', sem 'falha') que assegura que a análise é, nas palavras (escritas) pelo próprio autor, 'o lugar onde o sujeito se interroga e não o lugar onde o sujeito é, em *O Negativo ou o Retorno a Freud* (Dias 1999: 70).

Mais adiante, no ensaio crítico sobre a interpretação, Amaral Dias surpreende-nos com uma afirmação densa de significado noético e poder mobilizador (a ideia como acção): 'A subversão (*das invariantes*) é um facto contributivo para a manutenção do clima de insaturação, gerador de análise', segundo *Da Interpretação Psicanalítica* (Dias 2001: 57, estância 150).

É certo que este propósito é antecedido pela referência à importância da surpresa (da 'interpretação surpreendente'/da indagação que surpreende) como função analítica que dessubjectiviza ♀.♂ (libertando, por aí, o duo analítico da intersubjectividade imobilizante de uma relação PS+D saturada por uma contra-identificação projectiva concordante ou complementar).

Não é menos certo, contudo, que ao referir-se à subversão das

invariantes (o estilo pessoal do analista, as suas teorias privadas, as características físicas do *setting*) como condição e função de análise (logo da analisabilidade do material psíquico trazido pelo paciente à sessão) o autor *dessacraliza* a pessoa do analista (Ele, tanto travestido do ‘Sujeito suposto saber’ enunciado por Lacan (1966), como do ‘Tal objecto que resolve a dor’ coloquialmente formulado por Amaral Dias, mas sempre *persona* narcisicamente empolada, na 3.^a pessoa do singular).

Opta, assim, como didacta e cultor da descoberta, pela colocação contra-transferencial do analista em sujeito da função analisante (*functor*) aberto ao questionamento sobre o desconhecido (também inexplorado na mente do analisando), e apto a utilizar os ‘graus de liberdade probabilística’ que operam a nega-entropia da ‘nuvem dispersiva’ de significantes, implícita ao processo da ‘mudança catastrófica’, como interpretação mutativa (pós-catastrófica).

Este apelo à insaturação objectivante da exegese psicanalítica prolonga, e aprofunda, a notável interrogação de Bion sobre a enunciação (im)possível dos fenómenos pouco inteligíveis e não sensoriais, de uma natureza quase inefável, que ocorrem na sessão analítica e não são formuláveis como interpretação pelo recurso aos vínculos L, H e K em ♀.♂.

A resposta (provisória) de Bion alicerça-se na intuição da empatia espiritual (*at-one-ment*) de analista e analisando através do (desconhecido) vínculo F (*Faith*), para além de K e na senda da transformação em O.

Dito por outras palavras, ela (a resposta provisória) assenta na ‘capacidade intuitiva’ (Stitzman 2004) do analista (desenvolvida através da auto-análise, da capacidade de tolerância à frustração, do amor à verdade e do envolvimento ético com a prática analítica) para gerar ‘interpretações simbiotizadas’ (Dias 2001) de significantes factuais dessubjectivados (transformados em factos verdadeiros)

O diálogo entre psicanálise e cultura: para além da interpretação Amaral Dias vê-se, assim, confrontado com o conflito ético/estético induzido pela resposta à interrogação anterior.

Uma resposta para a qual não lhe basta, por um lado, 1) a refundação metapsicológica da técnica analítica, operada pela extensão intrapsíquica da 2.^o tópica freudiana aos fantasmas arcaicos e mecanismos de defesa narcísicos, em luta contra a pulsão de morte, genialmente intuídos por M. Klein e elaborados, sobre-

tudo, no texto seminal 'Notes on some Schizoid Mechanisms' (Klein 1952), originalmente publicado em 1946. E para a mesma resposta não lhe basta também, por outro lado, 2) a matematização algébrica das funções mentais, teorizada por Bion, a partir da hipótese de um 'aparelho para pensar os pensamentos' funcionando em continente-conteúdo (♀.♂), através da operação dos vínculos H, L e K sobre a relação PS+D.

Diga-se, a este propósito, que uma tal interrogação, aquém da colocação apriorística e metafísica que parece inspirar a procura *intuitiva* da verdade pela operação espiritual de F num ♀.♂ transformado em 'at-one-ment', exige, em minha opinião, uma resposta clínica que reconsidere a fundação do *setting* analítico como 'aparelho psíquico em comum', com uma tópica específica e uma metapsicologia modificada.

Ora, o respeito de Amaral Dias pelo ponto de vista hermenêutico, coerente com a natureza filosófica do ensaio sobre a interpretação que nos propõe, influencia a hipótese segundo a qual, a 'interpretação simbiotizada' geradora da mudança psíquica é operada no 'ponto hermenêutico singular' instituído pelo encontro do facto e da verdade do facto. (Dias 2001: 25, estância 41).

Esta hipótese tem um efeito especulativo fecundo, já que permite expandir a interpretação além da função reflexiva, no encontro hermenêutico com a ideia aristotélica de que a multiplicidade de sentidos do ser radica nas diferentes formas de se dizer (de se representar), seja 1) no encontro epistemológico com a interpretação kantiana (Kant 1987) da coisa em si (a verdade do facto) como representação de si mesma (o facto verdadeiro); seja 2), ainda, no encontro com a ideia de que a representação objectivante se define como transcendência (a verdade do facto) no interior da imanência (o facto verdadeiro).

Neste particular, este ensaio crítico sobre a interpretação que nos é oferecido por Carlos Amaral Dias transcende, como aliás o essencial da sua obra teórica, a clínica psicanalítica, embora esta se mantenha sempre imanente a todos os seus escritos.

Esta colocação dialéctica da psicanálise entre ciência e cultura que, em minha opinião, é reveladora do modo como o autor interpreta a psicanálise como teoria do conhecimento de um tipo particular, justifica, ainda, a importância da sua releitura de Freud (em particular, o Freud da 1.ª tópica) a partir de Bion, e alicerça, por outro lado, a importância dada nos seus escritos à reflexão teórica sobre (a partir da) interpretação.

Recordo, a este último propósito, até por ser tema deste meu ensaio reflexivo sobre a obra de Carlos Amaral Dias, o magnífico trabalho teórico que publicou em 2003 sobre a interpretação em psicanálise (situado entre a reflexão hermenêutica, o debate científico e a transmissão cultural, sobre um ‘pano de fundo’ de teoria da técnica) na qual desenvolve uma taxionomia exemplar das diferentes modalidades de operar a interpretação como instrumento de transformação psíquica (da interpretação analógica à mutativa, passando pelas interpretações de natureza analógica, conceptual, causal, histórica, teleológica, metafórica e simbólica).

Ou, ainda, o surpreendente texto, publicado em 1991, sobre a arte de bem interpretar os objectos mentais, quase insignificáveis ou no limite da significabilidade, saídos do processo primário em pacientes borderline e psicóticos do espectro adictivo, pelo recurso a uma notável heteronímia figurativa, assente no desdobramento contra-transferencial, não nominativo, em diferentes aspectos do Self e do objecto, que coloca em diálogo interno entre si e com o analista (*Ali-Babá-Droga: Uma Neurose Diabólica do Século Vinte*; Dias 1991).

Esta dinâmica, simultaneamente figurativa e interactiva, possibilita, então, o trabalho de desintoxicação fáctica, seguido da dessubjectivação do traço de angústia e da reverberação significativa dos conteúdos psíquicos desintoxicados, sob a forma de significantes insaturados, ao paciente.

Voltando à hermenêutica, parcialmente revertida em função reflexiva, não resisto a reproduzir, à guisa de conclusão, a afirmação de Paul Ricoeur, segundo a qual, ‘O que torna possível a apropriação do *Eu penso*, *Eu sou*, não é nem enunciado empírico, nem enunciado emocional, mas uma coisa diferente de uma e outra’ (p.64).

Que o mesmo é dizer, a *interpretação!*

EPÍLOGO

Torna-se difícil concluir um texto cuja construção foi tão intensamente ‘vívda’ ao longo de uma elaboração associativa repleta de impressões, recordações, ideias e pensamentos.

Dou-me conta aliás, enquanto escrevo estes parágrafos conclusivos, que é ainda mais difícil concluí-lo *agora* que ‘liquidei’ o de-sassossego intelectual prévio à escolha do tema e acalmei (provi-

soriamente) a ansiedade da selecção e apropriação crítica das fontes documentais que serviram de base a esta analítica sobre a 'A interpretação psicanalítica para além da interpretação' na obra de Carlos Amaral Dias.

Trata-se de uma impressão curiosa, que devolvo ao leitor, sob um modo coloquial, à medida que a vou sentindo. E que me liberta provisoriamente das regras de enunciação e de validação formal próprias ao discurso científico.

Ao fazê-lo, ocorre-me, de imediato, por associação livre de ideias, o gozo especulativo dialógico do Didacta e do Mestre de a *pensar* Carlos Amaral Dias, a atmosfera de Academia (na melhor tradição Ateniense) em que sempre me senti envolvido (eu e os outros que tiveram o privilégio de com ele aprenderem a *psicanalizar*), discípulo surpreendido pela sua eloquência culta, irreverente e informada.

O que é curioso é que, seja qual for o juízo futuro sobre a qualidade teórica e formal deste meu ensaio, me apercebo agora, e partilho-o tal como o estou a perceber, de que escrevi este texto em diálogo interno com o Carlos, substantivado nos (fecundos) encontros de trabalho que com ele tive, e sei que vou (vamos) continuar a ter no futuro!

Palavras-chave: psicanálise, interpretação dessubjectivante, interpretação simbiotizada, ponto hermenêutico singular, facto verdadeiro.

REFERÊNCIAS

- Bion, W.
1979 [1962] *Aux Sources de l'Expérience*. Paris: PUF. Título original, *Learning from Experience*. Londres: Basic Books.
1979 [1963] *Eléments de la Psychanalyse*: Paris, P.U.F. Título original, *Elements of Psycho-Analysis*, Londres: William Heinemann.
1982 [1965] *Transformations: Progression de l'Apprentissage à la Croissance*. Paris, PUF. Título original *Transformations: Changes from Learning to Growth*. Londres: William Heinemann.

- 1983 [1967] *Réflexion Faite*. Paris : PUF. Título original *Second Thoughts*. Londres : William Heinemann.
- Dias, C. Amaral
1991 *Ali Babá Droga: Uma Neurose Diabólica do Século Vinte*. Lisboa: Escher
- 1999 *O Negativo ou o Retorno a Freud*, Lisboa: Fim de Século
- 2001 *Da Interpretação Psicanalítica*. Lisboa: Analytica
- 2003 *Modelos de Interpretação em Psicanálise*. Coimbra: Almedina
- Freud, S.
1987 *L'Interprétation des Rêves*. Paris : PUF. Título original *Traumdeutung* [1900-1914].
- 1991 [1911] 'Formulations on the Two Principles of Mental functioning'. In *On Metapsychology: the Theory of Psychoanalysis*. Editado por A. Richards. Londres, Penguin Books. pp.35-44.
- 1991 [1915] 'The Unconscious'. , In *On Metapsychology: the Theory of Psychoanalysis*. Editado por A. Richards. Londres, Penguin Books. pp.161-222.
- 1991 [1917] 'Mourning and Melancholia'. In *On Metapsychology: the Theory of Psychoanalysis*. Editado por A. Richards. Londres, Penguin Books. pp.247-268.
- 1991 [1920] 'Beyond the Pleasure Principle'. In *On Metapsychology: the Theory of Psychoanalysis*. Editado por A. Richards. Londres, Penguin Books. pp. 271-338.
- 1991 [1923] 'The Ego and the Id'. In *On Metapsychology: the Theory of Psychoanalysis*. Editado por A. Richards. Londres, Penguin Books. pp.350-407, 1991.
- Gadamer, H-G.
1999 [1986] *Verdade e Método: Traços Fundamentais de uma Hermenêutica Filosófica*. Lisboa: Ed. Vozes.
- Kant, E
1987 [1787] *Critique de la Raison Pure*. Paris : Flammarion.
- Klein, M.
1952 [1946] 'Notes on Some Schizoid Mechanisms' in *Developments in Psycho-Analysis*. Londres: Hogarth Press
- Lacan, J.
1966 *Écrits*. Paris : Éd. du Seuil

- Nietzsche, F.
1991 [1885] *Par-delà le Bien et le Mal*. Paris : Le Livre de Poche.
- Popper, K.
1973 *La Logique de la Découverte Scientifique*. Paris : Payot
- Ricoeur, P.
1965 *De l'Interprétation : Essai sur Freud*. Paris : Éd du Seuil
- Stitzman, L.
2004 At-one-ment, Intuition and 'Suchness'. *Int. J Psychoanalysis* 85. pp. 1137-55

A Interpretação Psicanalítica Para Além da Interpretação: Psicanálise e Cultura em Diálogo, no Pensamento de Carlos Amaral Dias

Sumário

Este ensaio crítico, sobre a importância da exegese da linguagem na obra de Amaral Dias, tem como eixo o seu excelente texto filosófico sobre a interpretação psicanalítica, publicado em 2001. Neste sentido, o autor revisita as estâncias sucessivas desta obra, entre argumento hermenêutico, reflexão epistemológica e ética psicanalítica, e ensaia um processo de ressignificação teórica dos ensinamentos inovadores que nela (e a partir dela) são propostos.

The Psychoanalytic Interpretation Beyond Interpretation: Psychoanalysis and Culture in Dialogue, in the Thought of Carlos Amaral Dias

Summary

This critical essay, on the importance of the exegesis of language in the work of Amaral Dias, follows Amaral Dias' excellent philosophical text on the psychoanalytic interpretation, published in 2001. In that sense, the author revisits the successive stanzas of this book, throughout hermeneutical argumentation, epistemological reflexion and psychoanalytical ethics, and rehearses a process of theoretical ressignification of the innovative teachings that are proposed (and inspired) by that book.